

O MAL-ESTAR DO PRESIDENTE

Em discurso interrompido por uma breve indisposição, FHC defende diálogo com os segmentos que compõem a cidadania atual

Gerson Camarotti
Enviado especial

Londres — O presidente Fernando Henrique Cardoso passou mal em Londres no momento em que fazia um discurso na *London School of Economics and Political Science* (LSE). Vestido com toga e usando um apertado chapéu acadêmico, ele falava sobre os desafios atuais da democracia, durante a entrega do título de Doutor *Honoris Causa* concedido pela instituição — considerada o principal centro de ensino do Reino Unido no campo das ciências sociais.

Esse já era o segundo compromisso de Fernando Henrique durante o dia. Ele estava na página número nove, de um longo discurso de onze páginas em que defendeu a “radicalização da democracia”. O discurso lembrava que, nesse novo contexto, “o cidadão não é mais simplesmente o eleitor: é membro de um gênero, de uma etnia, de uma minoria sexual, é desempregado, sem-terra, e essa multiplicidade de pontos de vista deve refletir-se no funcionamento do sistema político”.

Segundo Fernando Henrique, os partidos devem ser capazes de acomodar esta pluralidade de perspectivas e reconhecer a sua legitimidade. Para ele, ao mesmo tempo, o Estado deve estar preparado para dialogar com os diversos grupos e organizações que refletem essa pluralidade de identidades do indivíduo na sociedade contemporânea.

O presidente chegou a construir uma análise entre este novo modelo político e a economia brasileira. Ele voltou a dizer que o controle da inflação não resolveu todos os problemas do Brasil mas, acrescentou, a estabilidade econômica propiciou aos brasileiros um ponto de unidade, um consenso em torno a um objetivo nacional. “E a razão para isto não é apenas a lógica econômica, mas também a mudança política e social”, declarou. O discurso foi um recado claro para a sociedade inglesa de que o país mudou.

PALIDEZ

Durante os primeiros 20 minutos de leitura, Fernando Henrique havia pulando parágrafos inteiros do texto. Pouco antes de passar mal, o presidente começou a acelerar. Mas não conseguiu ir muito além. Parou de ler. “Eu não estou me sentindo bem. Posso tirar o chapéu?”, perguntou o presidente ao diretor da escola, Anthony Giddens, sem esperar uma resposta. Era nítida a palidez no rosto do presidente, que tem 67 anos.

A assessoria negou que o súbito mal-estar do presidente tivesse sido ocasionado por uma agenda apertada de compromissos. Só ontem, foram sete programações. A primeira foi às 9h30, num encontro com executivos das principais instituições financeiras de Londres, no próprio Palácio de Buckingham e o último começou às 19h25.

Antes de almoçar, Fernando Henrique mediu sua pressão arterial, que estava normal. À tarde, participou de um encontro com jovens integrantes de um programa piloto de educação do governo inglês, na companhia do ministro extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

O presidente teve uma chance de testar o discurso feito na *London School*. Diante do centro de ensino, um pequeno grupo de manifestantes condenava as políticas de demarcação das terras indígenas e a lentidão da reforma agrária. “Será que esse pessoal não entende que é importante discutir, conversar? Gritos não adiantam nada”, comentou Fernando Henrique. “O meu primeiro impulso é sentar e dialogar. Mas as pessoas que não estão habituadas com essa nova democracia, têm medo de ser cooptadas”, criticou, na saída da *London School*.

CONFIANÇA

No início da manhã, Fernando Henrique dialogou à vontade com um grupo de 22 executivos das principais instituições financeiras de Londres. Repetiu o discurso de confiança nos rumos da economia brasileira e reafirmou o que dissera à correspondente em Londres da rede de televisão CNN, Sissel McCarthy: “Recessão eu não admito”.

Lembrou que, com a crise asiática, precisou tomar medidas duras e que hoje está convencido de que essas mesmas medidas tiveram a aprovação da população e do Congresso. O presidente citou a aprovação, no dia anterior, do aumento do Imposto de Renda.

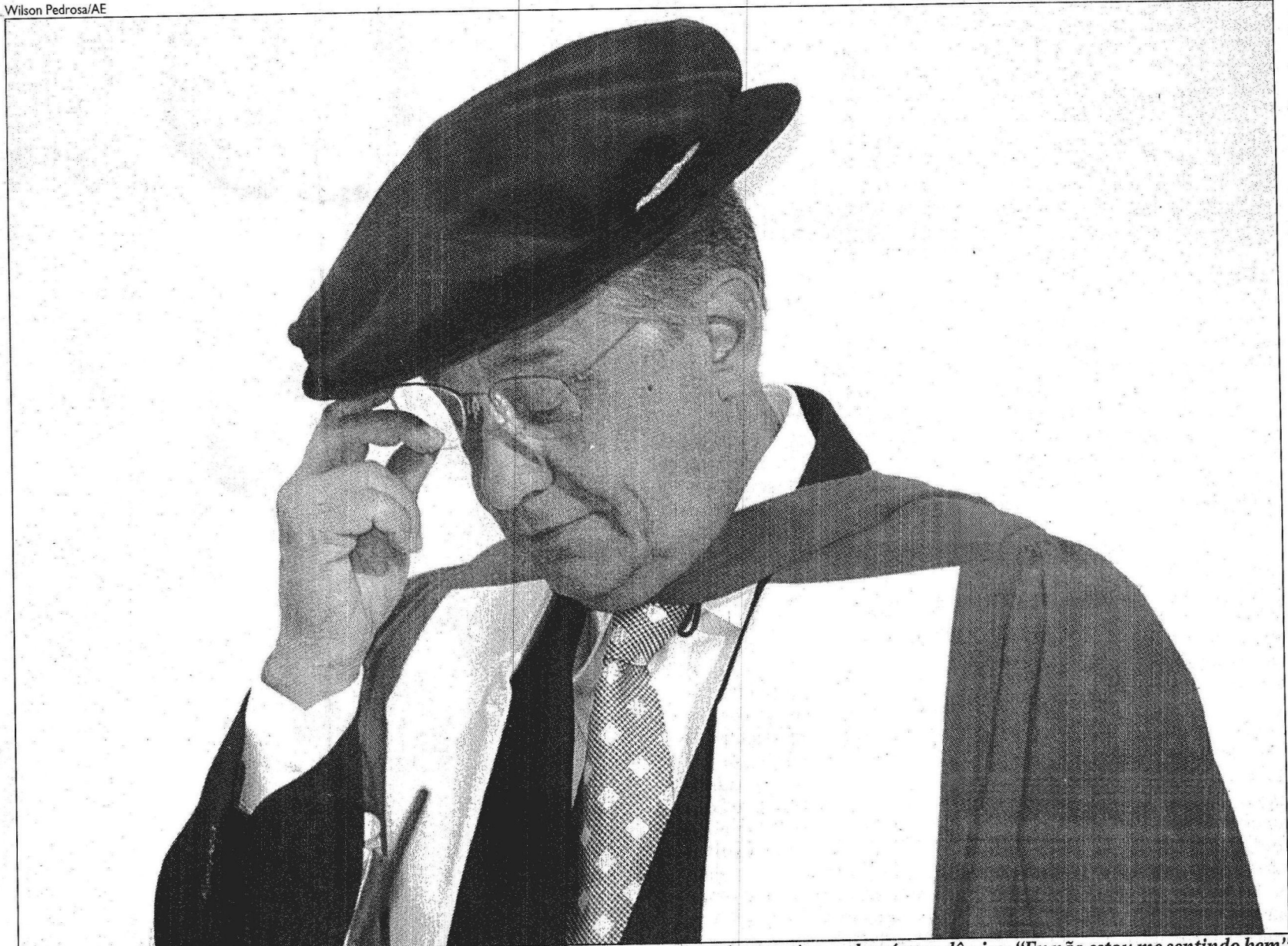
Para Fernando Henrique, a aprovação das medidas cria uma expectativa de que no ano que vem haverá uma diminuição no déficit da balança comercial. Ele assegurou aos executivos que prosseguirá na privatização. “Estamos preparando o país para uma retomada da trajetória de crescimento”, garantiu.

“É certo que a presença do presidente Fernando Henrique aqui aumenta o interesse da Inglaterra no Brasil. O presidente tem um estilo muito forte”, elogiou sir Peter Heap, conselheiro do Hong Kong Shanghai Bank.

E ainda sobrou tempo para afagar os ambientalistas. Durante o banquete que lhe foi oferecido pela rainha Elizabeth II e pelo príncipe Philip, Fernando Henrique se comprometeu com a campanha *Forests for Life*, da *World Wild Foundation* (WWF). A idéia é atingir, até o final do ano 2000, a meta de proteger pelo menos 10% de cada um dos tipos de floresta no país.

“O Brasil tem procurado assumir plenamente os compromissos que lhe correspondem no contexto da cooperação internacional exigida por essa nova agenda internacional”, afirmou Fernando Henrique. Entre os ouvintes, estava um ecologista especial — o príncipe Philip, que é presidente emérito da WWF.

Wilson Pedrosa/AE



Fernando Henrique interrompe seu discurso na *London School*, fica meio tonto e pede para tirar o chapéu acadêmico: “Eu não estou me sentindo bem”